

26/08/2016 às 05h00

## Os trabalhadores invisíveis da África

Por Carl Manlan

Os bilhões de dólares em ajuda anual à África podem fazer muito bem ao continente, mas não podem produzir uma solução para a pobreza. Somente a criação de mais empregos de qualidade pode fazer isso.

A África tem uma força de trabalho grande e criativa, baseada numa população jovem que deverá dobrar para mais de 830 milhões em 2050. Isso deveria ser vantajoso para as economias em todo o continente, mas as autoridades governamentais africanas enfrentam um problema sério: elas não sabem com quantas pessoas estão lidando, onde vivem ou como ganham a vida.

Em 46 de 54 países africanos, a monitoração oficial de estatísticas vitais, tais como nascimento, casamento e morte, é limitada. Como informa a Fundação Mo Ibrahim, apenas "um terço de todos os africanos vivem em um país onde um censo foi realizado desde 2010", e os programas do censo que existem são muitas vezes subfinanciados e não confiáveis. Mais da metade de todos os africanos vivem em países que não realizaram uma pesquisa envolvendo a força de trabalho em pelo menos uma década.

**Em 46 de 54 países africanos, a monitoração oficial de estatísticas vitais, tais como nascimento, casamento e morte, é limitada. Segundo a Fundação Mo Ibrahim, apenas um terço de todos os africanos vivem em um país onde um censo foi realizado desde 2010**

Enquanto isso, os jovens africanos estão em grande parte trabalhando na economia informal, onde negociam acordos casuísticos fora do alcance da regulamentação e tributação governamentais. Eles podem estar fazendo um trabalho produtivo, mas em economias onde a informalidade é, na prática, institucionalizada, devido à falta de mecanismos de coleta de dados.

Sem um noção precisa do estado do mercado de trabalho, os governos ficam tolhidos em sua capacidade de reagir às adversidades que os afligem. As iniciativas visando reduzir o desemprego juvenil, embora numerosas, têm um limite para sua eficácia, se não soubermos que tipos de postos de trabalho já existem e quais são necessários. Diante da estimativa de que 122 milhões de pessoas passarão a participar da força de trabalho africana em 2022, mantidas as tendências trabalhistas - gerar bons empregos em número suficiente ficará mais difícil.

Tornar o cenário mais nítido mediante melhor coleta de dados não significa simplesmente copiar os métodos de monitorização do mercado de trabalho utilizados nos países da OCDE, onde a economia informal não constitui uma parte tão elevada do emprego. Em vez disso, os governos africanos, com a ajuda de agentes do setor privado, precisam desenvolver métodos para a compreensão de como a economia informal funciona e como ela pode ser melhorada. Só então será possível enfrentar o desemprego e a pobreza de maneira eficaz e desbloquear o potencial dos jovens africanos.

Certamente, algumas abordagens de potencial elevado já são evidentes. Segundo a Aliança para uma Revolução Verde na África, embora o continente possua 60% de terras não cultivadas no mundo, os países africanos gastam US\$ 60 bilhões por ano em importações de alimentos. Investir no desenvolvimento dos recursos agrícolas na África é, portanto, uma necessidade evidente.

Compartilhar

Os trabalhadores invisíveis da África...



## Mensagens dos leitores

### Crise da USP

A edição de 25/10 do **Valor** contém entrevista com o reitor da Universidade de São Paulo (USP), Marco Antonio Zago, que revela - ao menos em parte - a concepção de universidade de sua atual administração. Trata-se de uma visão pouco republicana do que deva ser uma instituição pública, em especial de caráter educacional.

A...

07/11/2016 às 05h00 - Adusp, Sintusp e DCE da USP -

Ver todas | Envie sua mensagem

## Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Quando o simples é errado 🔑  
05h00

O caminho da exportação indireta de serviços 🔑  
05h00

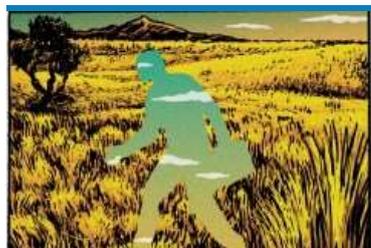
Governo Temer precisa criar o próprio tempo 🔑  
05h00

A era da resiliência 🔑  
05h00

Ver todas as notícias

## Vídeos

Os jovens poderiam desempenhar um papel central nesse esforço. Ao identificar e investir nas partes das cadeias de valor agrícolas onde os jovens podem contribuir, os líderes africanos podem criar oportunidades de emprego formais decentes em, por exemplo, manufatura leve para trabalhadores relativamente com baixa qualificação. Apenas uma pequena dose de treinamento de competências seria necessária para tirar trabalhadores - como os 120 atualmente empregados numa fábrica de pasta de tomate na Nigéria - do fundo da cadeia de valor.



Outra abordagem promissora é exemplificada pelo programa eJozi, da Vulindlel, em Joanesburgo, que visa eliminar os obstáculos ao acesso aos patamares mais elementares de capacitação para os jovens, proporcionando competências como alfabetização digital. Essas competências permitem que os jovens não apenas

saíam do setor informal, como também abandonem empregos formais indesejáveis, como no setor de segurança privada sul-africano, que emprega mais de 412 mil pessoas. Esse setor é alvo de críticas devido às más condições de trabalho; mesmo quando as críticas são injustificadas, o setor não desenvolve os tipos de competências que podem fomentar um crescimento econômico estável e sustentável.

À medida que mais pessoas adquirirem as habilidades e conquistam acesso a oportunidades para ocupar empregos produtivos no setor formal, onde são registradas e reconhecidas, os governos passarão a ter uma melhor noção do mercado de trabalho. Mas para maximizar a eficácia dos esforços visando disponibilizar essas habilidades e oportunidades, para não mencionar a garantia de que as pessoas que permanecerem no setor informal não continuem invisíveis, são igualmente necessárias iniciativas diretamente destinadas a ampliar a coleta de dados.

Uma dessas iniciativas é o Programa Africano para Melhoria Acelerada do Registro Civil e Estatísticas Vitais, formalmente inaugurado em 2011. Embora ele não possa produzir resultados instantâneos, está começando a criar as bases para o desenvolvimento e a implementação de programas com base em dados concretos sobre as populações africanas.

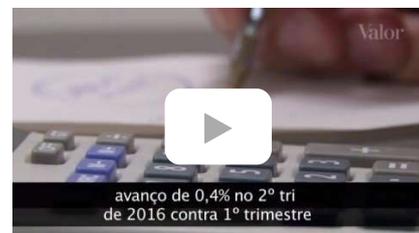
Reduzir o desemprego e a pobreza não são responsabilidade apenas de governos. Atores do setor privado e cidadãos comuns também podem ajudar. Por exemplo, podemos apoiar atividades informais como a reciclagem de resíduos, que dão aos jovens de baixa qualificação uma oportunidade de ganhar dinheiro. E podemos incentivar e facilitar a aprendizagem que disponibiliza habilidades e oportunidades técnicas para a educação cívica.

No passado, a África já atacou problemas complexos e de longo alcance. Por exemplo, a epidemia de HIV/aids, que antes parecia insuperável, já está, em larga medida, mantida sob controle. A chave para enfrentar essas questões foi a cooperação entre governos, parcerias para desenvolvimento e comunidades locais na coleta, processamento e utilização de dados para ajustar estratégias.

Deveríamos estar fazendo a mesma coisa para solucionar a escassez de empregos. Para que as economias africanas absorvam os 122 milhões de jovens que deverão entrar na força de trabalho nos próximos anos, precisamos de estatísticas confiáveis - desde já. **(Tradução de Sergio Blum).**

**Carl Manlan, diretor operacional da Fundação Ecobank e membro, em 2016, da Aspen New Voices. Copyright: Project Syndicate, 2016.**

[www.project-syndicate.org](http://www.project-syndicate.org)



Possibilidade de recuperação parece ser lenta e modesta  
05/09/2016



Compartilhar 4

Tweet

Share

G+ 0

Ω

